REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

O PROCESSO DE AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE DA APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

THE ASSESSMENT PROCESS AS A TOOL FOR ANALYZING STUDENT LEARNING IN THE FIRST CYCLE OF ELEMENTARY EDUCATION

Ciências Humanas • 18/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/794743809

Franciele Lino de Moura[1]

Lidiane Roberta Gonçalves[2]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender o processo de avaliação como instrumento de análise da aprendizagem dos estudantes do 1º Ciclo do Ensino Fundamental I, considerando a importância do planejamento das aulas, das metodologias de ensino e da organização dos conteúdos. A escolha do tema justifica-se pela necessidade de compreender a avaliação como parte do processo de ensino e aprendizagem, e não apenas como uma forma de classificar ou atribuir notas aos alunos. A pesquisa busca refletir sobre como as práticas pedagógicas podem influenciar o desempenho escolar e contribuir para a identificação das dificuldades e dos avanços dos estudantes. Para fundamentar o estudo, são utilizados os trabalhos de Cipriano Carlos Luckesi (2018) e José Carlos Libâneo (2013), que discutem a importância da avaliação, do planejamento e das estratégias de ensino para a aprendizagem significativa. Metodologicamente, a pesquisa apresenta abordagem qualitativa, utiliza o método dedutivo e caracteriza-se como bibliográfica. Espera-se que as reflexões desenvolvidas contribuam para a compreensão da importância de uma avaliação contínua e de um planejamento pedagógico adequado, que considere as necessidades dos alunos e favoreça o desenvolvimento da aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem; Ensino Fundamental; Planejamento pedagógico; Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This study aims to understand the assessment process as a tool for analyzing the learning of students in the first cycle of elementary education, considering the importance of lesson planning, teaching methodologies, and content organization. The choice of this topic is justified by the need to understand assessment as part of the

teaching and learning process, rather than merely as a means of classifying students or assigning grades. The study seeks to reflect on how pedagogical practices can influence academic performance and contribute to identifying students' difficulties and progress. The theoretical framework is based on the works of Cipriano Carlos Luckesi (2018) and José Carlos Libâneo (2013), who discuss the importance of assessment, planning, and teaching strategies for meaningful learning. Methodologically, the research adopts a qualitative approach, uses the deductive method, and is characterized as bibliographic research. The study is expected to contribute to a better understanding of the importance of continuous assessment and appropriate lesson planning that takes students' needs into account and supports their learning development.
Keywords: Learning assessment; Elementary education; Pedagogical planning; Pedagogical practices.

1. INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem acontece ao longo de todo o contexto de ensino e ocupa lugar de extrema importância na trajetória escolar, pois é por meio dela que o estudante é acompanhado em cada etapa de sua formação. Suas funções, objetivos, estratégias e desafios precisam estar articulados entre si e apoiados em métodos de acompanhamento do progresso do aluno, que, nesse percurso, adquire novos conhecimentos, desenvolve competências e melhora seu comportamento. No entanto, quando o assunto é avaliar, alguns questionamentos surgem. A forma como os conteúdos são desenvolvidos em sala de aula promove a aprendizagem da criança e a conduz a resultados positivos? A falta de estratégias de ensino específicas, voltadas à aprendizagem, contribui para que os alunos

tenham resultados satisfatórios? O planejamento inadequado das aulas pode impactar os resultados das avaliações?

Para refletir sobre essas questões, é preciso situá-las no âmbito educacional, em que a avaliação da aprendizagem é considerada fase essencial do processo de ensino, sobretudo na etapa inicial da escolarização, período em que se estabelecem as bases do desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos estudantes. Assim, é imprescindível conceber a avaliação não apenas como instrumento de verificação, mas também como elemento central da prática pedagógica, capaz de favorecer uma aprendizagem significativa. Nessa direção, a análise dos conteúdos trabalhados em cada época e série permitiu verificar que, quando o ensino se desenvolve em acordo com o nível de desenvolvimento e a realidade dos educandos, aumenta a probabilidade de que o saber se torne significativo, por estar relacionado às experiências prévias e ao contexto de vida da criança.

Essa compreensão encontra respaldo em Libâneo (2013, p. 147), para quem “a aprendizagem significativa resulta da articulação entre o conteúdo, a realidade do aluno e o uso de estratégias que favoreçam a participação, a reflexão e a aplicação prática do conhecimento”. Nessa mesma linha, Luckesi (2018, p. 23) complementa que “o ato de avaliar é constitutivo do ser humano; ele faz parte da sua natureza e se faz presente em todas as suas atividades, na medida em que o ser humano precisa qualificar a realidade para orientar suas ações”. Daí decorre que a problematização, o diálogo e a aplicação prática, isto é, a transformação dos conteúdos em objetos de estudo, favorecem a compreensão, o engajamento e a construção do conhecimento. Ao deixar de tratar o conteúdo como um fim em si mesmo, o professor promove efetivamente a aprendizagem e avança rumo a

resultados positivos. Por outro lado, adequar os conteúdos à época e à série não assegura, por si só, uma aprendizagem eficaz, se as abordagens e os métodos já estabelecidos não forem modificados.

A modificação das abordagens exige, por sua vez, planejamento. Conforme Luckesi (2018), o ensino é uma atividade planejada; por isso, quando o professor deixa de empregar as estratégias mencionadas e comunica informações de maneira desarticulada, o estudante não consegue assimilar, refletir e se apropriar do conhecimento. Assim, o processo desorganizado e afastado das necessidades de aprendizagem dificulta a compreensão, gera desinteresse e, por conseguinte, impede que os alunos obtenham resultados satisfatórios. Um planejamento inadequado, mesmo quando os conteúdos são adequados à época e à série, revela falha na organização do trabalho pedagógico, principalmente porque não antecipa as dificuldades de aprendizagem nem estrutura previamente as estratégias consideradas essenciais para o ensino. Em consequência, as aulas tornam-se confusas, sem progressão lógica ou propósito para o aluno, que não recebe o apoio necessário para compreender e dominar os conteúdos abordados. Desse modo, planejar de maneira equivocada compromete todo o processo de ensino e leva a um desempenho abaixo do esperado.

É nesse cenário que a avaliação elaborada e aplicada pelo professor ganha relevância. Ela não deve ser compreendida apenas como um momento de verificação ou atribuição de notas, mas, acima de tudo, como componente essencial da prática pedagógica, que ajuda tanto o educador quanto o aluno a identificar o que já foi assimilado, quais pontos ainda necessitam de atenção e como o trabalho de ensino pode ser adaptado para melhor atender às necessidades de cada estudante. Os resultados obtidos nas avaliações estão diretamente

ligados a outros elementos do processo educativo: a forma como os conteúdos são organizados e trabalhados, as metodologias utilizadas e, principalmente, a qualidade do planejamento das aulas (Libâneo, 2013). Por isso, o que torna a aprendizagem mais difícil e pode gerar resultados insatisfatórios não é a falta de capacidade ou de interesse da criança, mas as limitações na estrutura do próprio ensino oferecido. Isso acontece quando os conteúdos são apresentados sem relação com a realidade e desconsideram a idade e o nível de desenvolvimento dos alunos; quando as estratégias não favorecem a compreensão e a participação; e, especialmente, quando o planejamento é insuficiente, ou seja, quando não há uma sequência lógica bem definida e não se antecipam as dificuldades que podem surgir durante o aprendizado. Nessas condições, a avaliação acaba refletindo apenas o que não funcionou, sem cumprir seu papel principal de contribuir para o desenvolvimento do aluno.

Diante disso, este trabalho justifica-se pela necessidade de compreender como implementar instrumentos de avaliação, concebendo-a como um processo positivo, útil e essencial para o crescimento do aluno, e não apenas como um meio de classificar ou julgar o estudante. A análise do processo de aprendizagem é um dos temas mais relevantes e debatidos no contexto educacional, pois por meio dela é possível acompanhar, compreender e orientar o progresso dos alunos ao longo de toda a sua trajetória escolar. Investigar essa temática voltada especificamente aos estudantes do 1º Ciclo do Ensino Fundamental I é necessário porque, nos primeiros anos de escolaridade, a criança estabelece as bases de todo o conhecimento que adquirirá no futuro e desenvolve competências cognitivas, sociais e emocionais essenciais para a sua formação como indivíduo e cidadão. Compreender como esse processo ocorre

é, portanto, fundamental para garantir uma educação de qualidade e verdadeiramente relevante.

Além disso, investigar como esses aspectos se articulam permite identificar os desafios enfrentados no dia a dia escolar e compreender como transformar a avaliação em uma ferramenta que realmente favoreça o progresso dos estudantes e forneça subsídios para o professor aprimorar sua prática. Nessa direção, esta pesquisa propõe contribuições práticas para o ambiente educacional, ao abordar um assunto que interfere diretamente na qualidade da formação das crianças nos anos iniciais. Suas reflexões podem servir de referência para que educadores e gestores repensem suas ações, reconhecendo que a avaliação faz parte de todo o processo de ensino e que um planejamento bem elaborado, aliado a abordagens adequadas, é o que garante a todos os alunos a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente.

Para fundamentar essa discussão, recorre-se inicialmente a Luckesi (2018) que, em sua obra Avaliação em Educação: questões epistemológicas e práticas, no primeiro capítulo, revela que a avaliação é uma prática essencial ao ser humano, manifestando-se em várias esferas da vida social. No âmbito educacional, a avaliação deve ser entendida como um processo constante de exploração da aprendizagem, possibilitando a identificação de progressos, obstáculos e demandas dos alunos. Segundo o autor, ela não deve se restringir a classificar ou aprovar estudantes, mas servir principalmente como base para decisões pedagógicas que promovam o progresso da aprendizagem.

Em complemento, Libâneo (2013), em sua obra Didática, argumenta que a avaliação, o planejamento e os métodos de ensino constituem

elementos inseparáveis do trabalho docente. Segundo ele, os resultados alcançados nas avaliações estão sempre relacionados à maneira como os conteúdos são organizados e abordados, aos métodos empregados e, sobretudo, à qualidade do planejamento das aulas. O autor esclarece que a aprendizagem se torna significativa quando o conteúdo se conecta com a realidade, a faixa etária e o estágio de desenvolvimento da criança, além de utilizar estratégias que incentivem a participação e a reflexão. Por outro lado, quando o ensino se restringe a transmitir informações de maneira isolada e desconectada da vida do aluno, a aprendizagem se torna mais desafiadora e os resultados ficam aquém das expectativas.

Quanto à metodologia, a pesquisa adota a abordagem qualitativa, considerada a mais apropriada para o tema em questão, pois visa compreender, interpretar e elucidar as relações, os conceitos e os processos que envolvem o universo educacional, sem o objetivo de medir ou quantificar informações. Essa abordagem oferece a oportunidade de investigar em profundidade como a avaliação, o planejamento e as estratégias de ensino se interligam e impactam o aprendizado dos alunos, de acordo com os fundamentos teóricos analisados. No que diz respeito ao método científico, utiliza-se o método dedutivo, que parte de princípios, teorias e conceitos gerais, como aqueles apresentados por Luckesi e Libâneo sobre avaliação, didática e ensino, para entender e explicar a realidade particular do 1º Ciclo do Ensino Fundamental I. A partir dessa lógica, o objetivo é examinar como as noções gerais sobre o processo educativo se aplicam e se manifestam na prática pedagógica. Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa é exclusivamente bibliográfica, pois todo o trabalho será realizado com base na coleta, análise e

interpretação de conhecimento previamente produzido e documentado.

Dessa forma, a combinação da abordagem qualitativa, do método dedutivo e da pesquisa bibliográfica viabiliza a elaboração de uma análise sólida, que esclarece os conceitos fundamentais do tema, identifica os elementos que influenciam os resultados da aprendizagem e enfatiza a relevância de uma prática pedagógica bem planejada e estruturada para assegurar uma educação de qualidade.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO

2.1. A Avaliação Como Instrumento de Análise da Aprendizagem do Estudante

A avaliação constitui um elemento fundamental no processo educacional, pois possibilita acompanhar o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes ao longo de sua trajetória escolar. No contexto do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, essa temática torna-se ainda mais relevante, considerando que essa etapa envolve a construção de conhecimentos essenciais para a continuidade da formação. Dessa forma, a avaliação não deve ser compreendida apenas como um mecanismo utilizado para atribuir notas e classificar estudantes, mas como um instrumento capaz de identificar avanços, dificuldades e necessidades de aprendizagem.

Nessa perspectiva, o processo avaliativo permite ao professor analisar, de maneira contínua, o desempenho dos estudantes, observando não apenas os resultados obtidos em atividades e avaliações, mas também a participação, o interesse, o desenvolvimento das habilidades e a capacidade de compreender e

aplicar os conhecimentos adquiridos. A partir dessas informações, torna-se possível identificar quais conteúdos foram assimilados e quais ainda necessitam de maior atenção, o que contribui para que o trabalho pedagógico seja reorganizado de acordo com as necessidades identificadas.

Essa concepção está presente em Luckesi (2011), para quem a avaliação tem como finalidade principal investigar como está ocorrendo a aprendizagem para, com base nos dados encontrados, tomar decisões e intervir quando necessário. Por isso, o autor defende que a avaliação deve ocorrer de forma contínua, a fim de oferecer aos alunos diversas oportunidades e permitir intervenções que os ajudem na aprendizagem. Para ele, avaliar não é apenas classificar, mas diagnosticar a situação para encontrar formas de ajudar o aluno a avançar, como expressa no trecho a seguir:

> *A avaliação da Aprendizagem tem por função subsidiar a prática educativa, fornecendo dados e informações que permitem ao professor tomar decisões em relação ao processo de ensino e aprendizagem, visando à garantia da qualidade do ensino ministrado e da aprendizagem conquistada. (Luckesi, 2011, p. 25)*

Além de subsidiar decisões, a avaliação é também, para Luckesi, um ato amoroso, que acolhe o aluno como ele é, sem julgar para excluir, mas para compreender e apoiar seu desenvolvimento. Perspectiva semelhante é defendida por Hoffmann, segundo a qual a avaliação deve ser contínua e mediadora, acompanhando o percurso do aluno e não apenas julgando o resultado. A autora entende que avaliar é interpretar a caminhada percorrida, valorizando todo o processo de construção do conhecimento e não só as respostas corretas: “Avaliar

é interpretar um percurso de vida do aluno durante o qual ocorrem mudanças em múltiplas dimensões. Avaliar é acompanhar para promover o processo de construção do conhecimento do educando" (Hoffmann, 2005, p. 4). Nesse sentido, a autora afirma que os erros do aluno não devem ser vistos como falhas, mas como momentos importantes para entender como ele pensa e ajudá-lo a progredir. Assim, as ideias dos dois autores convergem ao reconhecer três funções essenciais da avaliação: diagnosticar, acompanhar e promover a aprendizagem. Essas funções se desdobram nas modalidades diagnóstica, formativa e somativa, discutidas a seguir.

A avaliação diagnóstica é realizada, geralmente, no início do processo de ensino e aprendizagem e tem como principal objetivo conhecer a realidade do educando desde o princípio, identificando seus conhecimentos prévios, habilidades, potencialidades, dificuldades, experiências e possíveis lacunas de aprendizagem, com o propósito de orientar e organizar adequadamente o trabalho pedagógico. Antes de iniciar um novo conteúdo, é importante que o professor compreenda aquilo que a turma já sabe, pois os estudantes não chegam à sala de aula sem conhecimentos: eles trazem experiências familiares, sociais e culturais que influenciam a maneira como compreendem os novos conteúdos. Dessa forma, a avaliação diagnóstica funciona como ponto de partida para o planejamento pedagógico.

Por meio dessa avaliação, o professor consegue conhecer melhor o nível de aprendizagem da turma e perceber se os alunos possuem os conhecimentos necessários para acompanhar determinado conteúdo. Caso sejam identificadas dificuldades, pode retomar assuntos anteriores, utilizar novas estratégias e desenvolver atividades de reforço, o que torna o ensino mais organizado,

significativo e adequado à realidade dos estudantes e evita que os conteúdos sejam trabalhados de maneira distante das necessidades da turma. Na prática, a avaliação diagnóstica pode ser realizada por meio de perguntas orais, conversas, questionários, atividades de sondagem, produção de textos, desenhos, resolução de problemas, leitura, exercícios simples e observação dos alunos. É importante destacar que ela não precisa necessariamente resultar em uma nota, pois seu objetivo principal é fornecer informações para orientar o trabalho do professor. Portanto, deve ser entendida como uma ferramenta de conhecimento e planejamento, e não como um mecanismo de punição ou classificação.

Em continuidade ao diagnóstico inicial, a avaliação formativa ocorre durante todo o processo de ensino e aprendizagem, acompanhando o desenvolvimento dos estudantes de maneira contínua e permitindo verificar se os conteúdos estão sendo compreendidos. Diferentemente de uma avaliação realizada apenas ao final de uma etapa, ela possibilita que o professor identifique as dificuldades quando elas aparecem e, assim, realize intervenções, esclareça dúvidas, modifique as estratégias de ensino e ofereça novas oportunidades de aprendizagem. Essa modalidade possui grande importância porque considera o processo de desenvolvimento do aluno, e não somente o resultado final: por meio dela, o professor observa a participação, o envolvimento, o esforço, a evolução e as dificuldades apresentadas pelos estudantes. Nesse contexto, o erro não deve ser visto apenas como algo negativo, mas como oportunidade para compreender o raciocínio do aluno e ajudá-lo a avançar, o que contribui para uma prática pedagógica mais acolhedora, reflexiva e voltada para a aprendizagem.

A avaliação formativa pode ser realizada por meio da observação diária, da correção e análise das atividades, de debates, trabalhos individuais e em grupo, seminários, projetos, perguntas durante as aulas, produções escritas, exercícios, autoavaliações e registros feitos pelo professor. Nesse processo, o feedback também é essencial, pois consiste em orientar o aluno, mostrando o que foi realizado corretamente, quais aspectos precisam ser melhorados e quais caminhos podem ser seguidos para superar as dificuldades. Quando recebe um retorno claro, o estudante consegue compreender melhor seu próprio processo de aprendizagem e participar de forma mais ativa. Além disso, a avaliação formativa favorece a autonomia dos alunos, pois estimula a reflexão sobre o próprio desempenho: por meio da autoavaliação, o estudante pode reconhecer seus avanços, identificar suas dificuldades e pensar em maneiras de melhorar. Dessa maneira, a avaliação deixa de ser uma responsabilidade exclusiva do professor e passa a envolver também o aluno, enquanto o professor atua como mediador, acompanhando, orientando e criando condições para que todos possam aprender.

Por fim, a avaliação somativa é realizada, geralmente, ao final de uma etapa do processo educacional, como uma unidade, bimestre, semestre ou ano letivo, e seu objetivo é verificar os resultados alcançados pelos estudantes depois de determinado período de ensino. Ela permite analisar se os objetivos de aprendizagem foram atingidos e pode ser utilizada para atribuir notas, conceitos ou resultados finais, motivo pelo qual é a modalidade mais associada às provas e aos exames escolares. Entre seus instrumentos estão as provas, os testes, os trabalhos finais, os projetos, as apresentações, as redações e as atividades práticas, que devem estar relacionados aos conteúdos ensinados e aos objetivos estabelecidos pelo professor. Uma avaliação somativa adequada não deve cobrar conhecimentos

que não foram trabalhados em sala de aula, pois isso pode prejudicar o aluno e não representar verdadeiramente sua aprendizagem.

Embora seja importante para registrar os resultados obtidos, a avaliação somativa não deve ser utilizada como única forma de avaliação. Quando o processo avaliativo se baseia apenas em provas e notas, pode deixar de considerar aspectos importantes, como a participação, o esforço, a evolução e as diferentes formas de aprendizagem dos estudantes. Além disso, uma única prova não é capaz de representar todo o conhecimento de um aluno, pois seu desempenho pode ser influenciado por fatores emocionais, sociais e pessoais. Por isso, as avaliações diagnóstica, formativa e somativa devem ser utilizadas de maneira articulada: a diagnóstica permite conhecer o ponto de partida dos alunos; a formativa acompanha o desenvolvimento durante o processo; e a somativa verifica os resultados alcançados ao final de uma etapa. Quando utilizadas em conjunto, essas modalidades oferecem uma visão mais ampla da aprendizagem e ajudam o professor a tomar decisões pedagógicas mais adequadas.

Portanto, avaliar não significa apenas medir ou classificar o desempenho dos estudantes: a avaliação deve ser compreendida como um processo contínuo de acompanhamento, reflexão e intervenção. Ela precisa contribuir para que o professor aperfeiçoe sua prática e para que o aluno reconheça seus avanços e supere suas dificuldades. Dessa forma, uma avaliação bem planejada e diversificada favorece uma educação mais democrática, inclusiva e comprometida com a aprendizagem de todos os estudantes.

2.2. Como o Professor Utiliza os Resultados da Avaliação para Identificar as Dificuldades do Aluno?

A análise dos resultados da avaliação constitui um dos principais instrumentos do trabalho docente para a identificação das dificuldades de aprendizagem. Nessa perspectiva, a avaliação deixa de ser compreendida apenas como um mecanismo de classificação e atribuição de notas para assumir uma função diagnóstica, investigativa e formativa, que orienta o replanejamento da prática pedagógica.

Essa utilização pode ser observada de forma processual ao se considerar um ciclo de três avaliações realizadas em sala de aula. O professor não analisa os resultados de forma isolada, mas realiza o cruzamento dos dados obtidos nas três aplicações, o que permite uma visão mais ampla e fiel do desenvolvimento da turma.

Na primeira avaliação, o professor utiliza o resultado para realizar um diagnóstico inicial, momento de constatar o que os alunos já sabem e quais são as suas principais lacunas. Como afirma Luckesi (2011, p. 82), “a avaliação diagnóstica tem por objetivo constatar se o aluno apresenta ou não o domínio de pré-requisitos necessários para a aquisição de novos conhecimentos”.

Já na segunda avaliação, o resultado é utilizado como instrumento de acompanhamento. O professor verifica se as dificuldades identificadas na primeira avaliação permaneceram, foram amenizadas ou se surgiram novas dificuldades. É nessa etapa que o erro passa a ser analisado de forma qualitativa, não como fracasso, mas como pista do pensamento do aluno. Para Hoffmann (2014, p. 58), a avaliação mediadora exige observar o aluno, analisar suas

respostas e refletir sobre as hipóteses que ele constrói; o erro, nesse contexto, é visto como um elemento constitutivo e importante do processo de aprendizagem.

Por fim, na terceira avaliação, o professor utiliza os resultados para consolidar a análise. Ao comparar o desempenho dos alunos nas três etapas, é possível identificar quais dificuldades são pontuais e foram superadas com as intervenções, e quais são dificuldades persistentes que demandam um trabalho individualizado e contínuo. Esse movimento é fundamental, pois, segundo Libâneo (2013, p. 217), a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, o professor utiliza os resultados das três avaliações para identificar dificuldades quando transforma os dados quantitativos em análise qualitativa, mapeando os alunos que consolidaram a aprendizagem, os que estão em processo e os que necessitam de apoio. Essa utilização permite que a avaliação cumpra sua função principal, que é garantir a aprendizagem, subsidiando a tomada de decisões pedagógicas mais assertivas.

2.3. Que Decisões Pedagógicas Podem Ser Tomadas a Partir Desses Resultados?

A partir da análise comparativa dos resultados obtidos nas três avaliações realizadas em sala de aula, o professor pode tomar diversas decisões pedagógicas que visam qualificar o processo de ensino e garantir a aprendizagem de todos os alunos. Os resultados deixam de ser um produto final e passam a ser um instrumento que subsidia o replanejamento do trabalho docente.

A primeira decisão pedagógica refere-se ao replanejamento do conteúdo. Ao identificar, por meio das três avaliações, que uma determinada dificuldade se repetiu, o professor compreende que é necessário retomar aquele conteúdo utilizando uma estratégia diferente. Como afirma Libâneo (2013, p. 219), “o professor deve estar sempre atento para replanejar o seu trabalho, buscando novos métodos e procedimentos que possibilitem ao aluno a superação de suas dificuldades”.

A segunda decisão é a organização de intervenções diferenciadas. Com base nos resultados, o professor pode organizar agrupamentos produtivos, nos quais alunos que já dominam o conteúdo ajudam aqueles que ainda apresentam dificuldades, e propor atividades com níveis diferentes de complexidade. Essa ação está de acordo com o que defende Hoffmann (2014, p. 72), para quem “a ação educativa mediadora implica em oportunizar ao aluno diferentes situações de aprendizagem para que ele possa superar as suas dificuldades, respeitando o seu tempo e o seu percurso”.

A terceira decisão, e a mais importante, é a implementação do reforço e do atendimento individualizado. A comparação entre a 1ª, a 2ª e a 3ª avaliação permite identificar quais alunos apresentaram dificuldades persistentes e necessitam de um acompanhamento mais próximo, com atividades de reforço no contraturno ou dentro da própria sala. Para Luckesi (2011, p. 175), essa é a principal função da avaliação: “avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatória nem seletiva, ao contrário, é diagnóstica e inclusiva”.

Portanto, as decisões pedagógicas tomadas a partir dos resultados das três avaliações são o replanejamento de conteúdos e metodologias, a reorganização dos agrupamentos e das atividades e a proposição de intervenções individualizadas, todas com o objetivo de garantir o direito de aprender.

2.4. Como Verificar Se as Intervenções Realizadas Contribuíram para a Aprendizagem?

A verificação da eficácia das intervenções realizadas é feita por meio da análise da evolução do desempenho dos alunos ao longo das três avaliações. É a comparação entre os resultados que permite ao professor constatar se as decisões pedagógicas tomadas contribuíram de fato para a superação das dificuldades e para a consolidação da aprendizagem, o que torna essa verificação um processo contínuo.

Para isso, o professor compara o resultado da 1ª avaliação, antes da intervenção, com o das 2ª e 3ª avaliações, após as intervenções. Se um aluno que errou determinado conteúdo na primeira avaliação passa a acertar nas seguintes, isso é um indicativo concreto de que a intervenção foi eficaz. Como afirma Hoffmann (2014, p. 98), “acompanhar significa observar e registrar o caminho percorrido pelo aluno, verificando o quanto ele avançou em relação ao ponto de partida”.

Além da análise quantitativa das notas, o professor verifica a contribuição das intervenções por meio de uma análise qualitativa, observando se o aluno passou a participar mais das aulas, se realiza as atividades com mais autonomia, se consegue explicar o conteúdo

para os colegas e se demonstra mais segurança. Para Luckesi (2011, p. 76), essa verificação é o sentido da avaliação:

> *O ato de avaliar importa em coleta, análise e síntese dos dados que configuram o objeto da avaliação, acrescido de uma atribuição de valor ou qualidade, que se processa a partir da comparação da configuração do objeto avaliado com um determinado padrão de qualidade. (Luckesi, 2011, p. 76)*

Por fim, a verificação também se dá pelo próprio feedback dos alunos e pelos registros do professor, como portfólios, cadernos e fichas de acompanhamento. Como destaca Libâneo (2013, p. 221), “a avaliação do rendimento escolar deve ser vista como um momento de verificação da eficácia do trabalho docente”.

Desse modo, verifica-se que as intervenções contribuíram para a aprendizagem quando há uma evolução visível nos resultados das três avaliações, aliada a uma melhora qualitativa na participação, na autonomia e na compreensão dos conteúdos por parte dos alunos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa levou à constatação de que a avaliação da aprendizagem, sobretudo nos níveis iniciais das escolas brasileiras e, particularmente, no 1º Ciclo do Ensino Fundamental I, é central e indissociável do processo pedagógico, não podendo ser reduzida a um mecanismo de classificação ou de atribuição de notas aos estudantes. O estudo revelou que, em seu sentido diagnóstico, formativo e mediador, a avaliação desempenha um papel transformador na prática pedagógica, na medida em que fornece

aos professores dados sólidos para tomar decisões e replanejar o trabalho docente.

Com base no referencial teórico, majoritariamente derivado dos trabalhos de Luckesi (2011; 2018) e Hoffmann (2005; 2014), com apoio de Libâneo (2013), foi possível concluir que a avaliação precisa ser apresentada como um processo contínuo de investigação da aprendizagem, cujo maior objetivo é diagnosticar a realidade do estudante e intervir para que ele evolua. Nesse sentido, o erro deixa de ser sinal de fracasso e passa a ser considerado um importante indício do raciocínio dos estudantes e dos elementos que ainda lhes faltam.

Quanto às modalidades de avaliação, verificou-se que a diagnóstica, a formativa e a somativa não são excludentes, mas complementares, e que sua integração é fundamental, pois oferece ao professor uma visão mais ampla de como acompanhar o progresso dos estudantes. Constatou-se, ainda, que a avaliação diagnóstica é o ponto de partida para o planejamento; a formativa acompanha o processo e permite intervenções imediatas; e a somativa sintetiza os resultados alcançados ao final de uma etapa e deve ser sempre coerente com o que foi abordado em sala de aula.

No que diz respeito ao uso dos resultados da avaliação, o estudo indicou que, ao comparar os dados obtidos em avaliações de diferentes etapas, o professor pode identificar dificuldades individuais, pontuais ou persistentes, classificar os estudantes conforme tenham consolidado o conteúdo ou ainda precisem de apoio e, assim, tomar decisões pedagógicas mais precisas. Entre elas estão a revisão de conteúdos e metodologias, a organização de grupos produtivos e de tarefas em diferentes níveis de

complexidade e a implementação de reforço e atendimento individualizado, ações que reafirmam a natureza inclusiva e diagnóstica da avaliação defendida por Luckesi (2011).

Verificou-se, além disso, que a eficácia das intervenções só pode ser aferida de forma processual, relacionando os resultados da avaliação ao progresso qualitativo dos alunos, expresso em participação, autonomia, confiança e capacidade de explicar os conteúdos. O feedback contínuo do professor e os registros, por exemplo, foram ferramentas muito importantes nesse processo, pois permitem visualizar o percurso de cada aluno e o quanto ele evoluiu em relação ao ponto de partida (Hoffmann, 2014; Libâneo, 2013).

Assim, conclui-se que a avaliação, aliada a um planejamento pedagógico adequado e a metodologias alinhadas à realidade dos educandos, é condição necessária para a aprendizagem significativa e para uma educação de qualidade na infância. Portanto, educadores e gestores precisam mudar radicalmente suas concepções sobre avaliação, passando de um modelo tradicional de classificação, baseado nas notas obtidas em testes padronizados, para um modelo de diagnóstico e monitoramento da aprendizagem, no qual a avaliação é apenas um instrumento de progresso e seu objetivo é respeitar o tempo e as necessidades da criança.

Espera-se que este trabalho proporcione reflexão a professores e gestores sobre a necessidade de uma avaliação contínua, mediadora e formativa no 1º Ciclo do Ensino Fundamental I e sirva de referência para estudos mais aprofundados sobre a relação entre avaliação, planejamento e práticas pedagógicas, com o objetivo de construir

uma escola cada vez mais voltada à aprendizagem, que garanta a todos os alunos o direito de aprender e de desenvolver seu potencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** 24. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** 33. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 22. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico.** São Paulo: Cortez, 2011.

---

[1] Discente do Curso Superior de Pedagogia do Centro Universitário de Goiatuba – Unicerrado. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[2] Docente do Curso Superior de Pedagogia do Centro Universitário de Goiatuba – Unicerrado. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail